

Criando uma sociedade de aprendizagem

O conhecimento como um bem público

por Bruno Fischer Dimarch

O renomado professor Joseph Stiglitz, agraciado com o Prêmio Nobel de Economia em 2001, trouxe para o público do *Fronteiras do Pensamento* os principais tópicos de sua obra *Criando uma sociedade de aprendizagem: uma nova abordagem sobre crescimento, desenvolvimento e progresso social*.

Dois temas delinham a publicação: o sucesso e a sustentação do crescimento requer a criação de uma sociedade de aprendizagem, e os mercados, por si próprios, não criarão. O primeiro ponto está embasado na identificação da economia do conhecimento do século XXI, período no qual a informação se torna um bem de produção. Já o segundo aponta para a necessidade de intervenção governamental de modo sistemático para a consolidação da sociedade de aprendizagem.

Historicamente, a transição para sociedades de aprendizagem vem ocorrendo desde 1.800, trazendo impactos melhores para o bem-estar humano do que os incrementos em eficiência alocativa e acumulação de recursos. Stiglitz aponta para o Iluminismo como base para a transição, apoiado na metodologia científica de produção e na democracia liberal.

Em termos de crescimento, a tecnologia é o fator preponderante, o que impele o foco nos impactos das políticas sobre tecnologia e aprendizagem. Há diversos *gaps* de conhecimento entremeando esse crescimento, seja ele tanto entre países desenvolvidos, com relação a países em desenvolvimento, quanto internamente, em países desenvolvidos, desagregando conhecimento e produção.

Stiglitz aponta que os mercados em si não são eficientes em promover inovação. Eficiência em produção e disseminação de conhecimento não são intrínsecos ao mercado. O conferencista defende o conhecimento como um bem público. Diferentemente de um bem como uma cadeira, que apenas uma pessoa poderia ocupar, o conhecimento pode ser compartilhado sem que aquele que compartilhou o perca. A analogia poética de Thomas Jefferson foi a de que uma vela pode acender a outra e a luz da segunda vela não diminui a primeira. O resultado de uma inovação é partilhado por toda a sociedade e não apenas pelo mercado, o que reforça a defesa do conhecimento como um bem público, uma vez que o resultado das pesquisas tem impacto social.

Apresentação



Patrocínio

**HOSPITAL**
SÍRIO-LIBANÊS**MATTOS FILHO >**Mattos Filho, Veiga Filho,
Marrey Jr e Quiroga Advogados

Parceria Cultural

CASA DO SABER ∞

**R**
RENAISSANCE*
SÃO PAULO HOTEL

Promoção



Livreria Oficial



Empresas Parceiras



“O investimento naquilo que gera conhecimento é insuficiente”, colocou o conferencista. Os mercados não tendem a investir em algo de longo prazo e arriscado, como o conhecimento. “E não é só uma questão de quanto está sendo gasto, mas para onde você está dirigindo seu investimento”, completou. Na indústria farmacêutica, por exemplo, muito se investe para produzir medicamentos que fazem o mesmo efeito de outros medicamentos produzidos pelos concorrentes a fim de aumentar a competitividade e os lucros da empresa. É o tipo de inovação que não melhora o bem-estar social.

As políticas governamentais precisam promover a transformação para sociedades de aprendizagem, que difere de se concentrar em melhorias de eficiência de alocação de recursos e acumulação de capital – políticas essas que se mostraram contraproducentes. As políticas do FMI na África, por exemplo, corroboraram a paralisação do crescimento econômico, pois 25 anos após a adoção dessas políticas o PIB estava mais baixo do que anteriormente.

Stiglitz advogou contra o regime de propriedade intelectual, pois ele fortalece mais o conhecimento como monopólio do que como bem público. Deveria existir um mecanismo de um regime de propriedade intelectual “orientadamente desenvolvido”, nos quais os benefícios dinâmicos seriam maiores que os custos estáticos.

Tanto a propriedade intelectual quanto o sistema de patentes impedem a inovação, reduzem e enclausuram conhecimento. Há, inclusive, empresas especializadas em comprar patentes para processar outras empresas que lancem uma novidade que se aproxime de suas patentes (porém não desdobradas em tecnologia para o público). O sistema de patentes impele também uma disputa que muitas vezes não se desdobra em benefício social, como as indústrias químicas e farmacêuticas que investem em inovação para pesquisar novas fórmulas para criar produtos similares aos produtos dos concorrentes para não precisar pagar-lhes a patente. Ademais, muitos países não poderão pagar pela patente de determinados medicamentos, ficando impossibilitados de oferecê-los para sua população.

Para promover o crescimento e o desenvolvimento por meio da aprendizagem (e desenvolvimento tecnológico), os governos precisam olhar cuidadosamente para os fatores que afetam a aprendizagem:

- sistema educacional;
- sistema de inovação econômica (que inclui a propriedade intelectual e a política tecnológica);
- políticas macroeconômicas, incluindo política cambial;
- políticas industriais e comerciais;
- políticas de investimento.

Fica claro que, para o conferencista, aprendizagem não é sinônimo de educação. O sistema educacional (ensino formal básico, técnico e superior) é parte do processo, mas não o único ponto a ser destacado na criação de uma sociedade de aprendizagem. Olhar através das lentes da aprendizagem é observar como cada um destes aspectos interfere na capacidade de aprender, motivações para aprender, facilitação da aprendizagem e sua catalisação e como obstáculos à aprendizagem podem ser criados.

Apresentação



Patrocínio

**HOSPITAL**
SÍRIO-LIBANÊS**MATTOS FILHO >**Mattos Filho, Veiga Filho,
Marrey Jr e Quiroga Advogados

Parceria Cultural

CASA DO SABER ∞

**R**
RENAISSANCE*
SÃO PAULO HOTEL

Promoção



Livraria Oficial



Empresas Parceiras



Como a aprendizagem ocorre? O conferencista indica que é preciso identificar não somente o ensino como meio de aprender, mas também a prática, o fazer, permite a aprendizagem. Pode-se aprender trabalhando, por exemplo. É preciso, para potencializar as diversas formas de aprendizagem, que se aprenda a aprender, e neste ponto sim a educação tem um papel fundamental.

A tecnologia permite novas formas de aprendizagem tal qual solicita novas demandas de ensino. A disponibilização de informação na rede requer habilidades de pesquisa, acesso, avaliação e análise. Os requisitos atuais no campo educacional impactam diretamente no mercado e na produção de inovação.

Um campo no qual a educação perdeu espaço foi no âmbito empresarial. Os empregadores disponibilizam menos ofertas educacionais do que em tempos anteriores. A falta de investimento na formação continuada está relacionada especialmente à alta rotatividade dos funcionários, que permanecem pouco tempo em suas empresas.

O investimento em educação por parte dos governos não deve estar restrito apenas à educação primária, mas em toda a educação básica e superior. Stiglitz comentou acerca do aumento de gastos do Brasil em educação, que chega a equivaler ao de países desenvolvidos. Todavia, é preciso rever o uso do investimento, pois a qualidade da educação no País permanece baixa.

Os governos também precisam se ater a seu papel na área de inovação. Invenções como o telégrafo e a internet foram impulsionadas pelo governo norte-americano. As descobertas em diferentes partes do mundo tiveram apoio do governo e só depois foram apropriadas pelas empresas. Os benefícios gerados pela intervenção governamental são maiores que os custos e proporcionam melhorias. A exemplo, a transição perpetrada pela Coreia, que migrou de um Estado agrícola para um industrial em constante desenvolvimento e crescimento econômico, deu-se por meio da aprendizagem com forte intervenção, controle e incentivo estatal.

A oposição à intervenção estatal tende a dar-se considerando uma análise política, muitas vezes simplista e de curto prazo. Os benefícios são observáveis por meio de uma análise econômica, que deflagra a assimetria entre liberalização e seus efeitos benéficos para o bem-estar social.

Após abordar os principais tópicos acerca da criação de uma sociedade de aprendizagem, o conferencista respondeu a perguntas da plateia acerca da política de austeridade, salientando que ela não funciona e apenas teve sucesso no Canadá por ocorrer coincidentemente ao aumento das exportações no país. Comentou sobre a necessidade de o Brasil continuar a investir em pesquisa universitária e difusão de conhecimento, uma vez que o País rompeu a fronteira agrária transformando a cana-de-açúcar em etanol e o etanol em plástico – é algo pioneiro.

Defendeu a valorização social da aprendizagem e aventou a possibilidade de os governos oferecerem isenção de impostos para o investimento em educação empresarial. Comentou que a qualidade da educação está ruim também nos Estados Unidos, pois nem todas as regiões possuem centros de conhecimentos destacados como Harvard, Columbia ou Massachusetts. Lá os professores não têm bons salários e “há uma moda de dizer que os professores têm preguiça”, culpando-os pela qualidade de ensino, quando, de fato, em sua maioria são bons professores.

Apresentação



Patrocínio

**HOSPITAL**
SÍRIO-LIBANÊS**MATTOS FILHO >**Mattos Filho, Veiga Filho,
Marrey Jr e Quiroga Advogados

Parceria Cultural

CASA DO SABER ∞

**R**
RENAISSANCE*
SÃO PAULO HOTEL

Promoção



Livreria Oficial



Empresas Parceiras



Discorreu acerca das novas forças econômicas, como a oriental. A Índia é também um exemplo de sucesso a partir do investimento em aprendizagem, diminuindo o gap entre educação e tecnologia. Comentou sobre a perda de força dos Estados Unidos, por meio do presidente Obama, para difundir seu modelo econômico por meio do Tratado Transpacífico. Quem vai determinar as regras é a China e não os Estados Unidos, que parece ter perdido influência em dar um modelo econômico para todas as nações.

Sobre a crise política brasileira, o conferencista salientou que toda crise política é custosa para seu país e que todos os países emergentes passam por uma crise econômica neste momento. A isso se somam os custos engendrados pela instabilidade de taxas cambiais. “O Brasil escolheu o pior momento para entrar na crise política”, brincou.

O economista sublinhou que o sistema norte-americano de crescimento fracassou, aumentando a desigualdade no país. E, ao contrário do que pode parecer, também não houve melhora econômica. Apenas as classes mais altas foram beneficiadas com a falta de controle fiscal no país. E, com esta visão crítica acerca de seu país, Joseph Stiglitz finalizou sua conferência em São Paulo, encerrando mais uma temporada do *Fronteiras do Pensamento*.

Apresentação



Patrocínio

**HOSPITAL
SÍRIO-LIBANÊS****MATTOS FILHO >**Mattos Filho, Veiga Filho,
Marrey Jr e Quiroga Advogados

Parceria Cultural

CASA DO SABER ∞

**R**
RENAISSANCE*
SÃO PAULO HOTEL

Promoção



Livraria Oficial



Empresas Parceiras

